

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1186	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	10 de Dezembro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

... Erguem-se vozes comovidamente anunciando o renascimento duma patria... E nós, observadores simplesmente escrupulosos da realidade e bem conhecidos de metáforas, quedamos atentos e cheios de duvidas, esforçando-nos por distinguir na *facies* social iniludiveis sintomas duma convalescença declarada e segura. Porque, emfim, o renascimento duma patria não se faz com gestos e palavras, mas realisa-se com uma vontade inteligente e feitos expressivos.

Se é facto que a republica portugueza correspondia a uma necessidade urgente, por circunstancias muito especiais, é evidentissimo tambem que a simples substituição dum regime não basta para o advento duma nova era de prosperidades. Póde ser — não nego — uma consequencia natural, mas, de modo nenhum, a condição inalienavel.

O que é condição indispensavel duma benévola transformação da sociedade portugueza, é a insuflação de vida nas suas veias, é a orientação num ideal de regeneração por um trabalho honesto e energico. E não são estas, palavras vagas sem probabilidades duma realisação pratica e imediata. Desvelou-se a chaga. Facilimo é de apontar o cauterio.

Principalmente e imediatamente, as nossas atenções e nossos esforços todos hão-de congregar-se na dignificação da Escola Portugueza. Não basta, porém, multiplicar o numero das escolas pelo paiz. Este seria um remedio tónico — tão tónico que póde de certo modo dizer-se nocivo sem certas predisposições — mas de modo nenhum urgente. Por este processo conseguir se-la sanguesugar o tesouro publico e multiplicar afflitivamente o numero dos nulos, dos mediocres, dos fanaticos, dos pedantes, dos charlatães, dos politiquieiros e ledôres dos jornais.

Adentro da Escola-Portugueza, cumpre especificar imediatamente a Escola-Superior.

E adentro da Escola-Superior, a Escola-Normal-Superior. E' urgentissimo fazer uma remodelação moderna e racional da Escola-Superior-Portugueza. Mas isto ainda não é tudo. Feita a remodelação escolar superior é preciso animar doutro espirito o professorado portuguez. E' preciso arrancar o da garra do preconceito ancestral, iluminar-o de luz cla-

ra e nobilitar-lhe a sua missão. Dar-lhe consciencia. Enrijecê-lo de austeridade. Tornal o bom mas justo. Dar-lhe simpatia e austeridade.

Bom, no trato pessoal e comum.

Justo, na apreciação severa do aluno, em assembleia deliberativa. Dar-lhe simpatia, que é o mais perspicaz olhar, ante o qual a alma do aluno se escancara, irresistente e desprevenida. Integridade, porque além da satisfação pequenina de amizade pessoal, ha a satisfação energica de cumprir um dever categorico de justiça. E' preciso fazer uma seleção rigorosa de inteligencias e faculdades de trabalho. Mas certamente que não ficará dignificado, dificultando-o monetariamente, como manda uma lei barbara decretada recentemente. Necessita-se dum escol de espiritos claros e conscienciosos. E não evidentemente duma *élite* de filisteus e mercieiros catitas.

Como se vê, tudo isto para ser efetivado exigiria, não o esforço exclusivo do Estado, mas o esforço coordenado e bem orientado de todos aqueles que tinham por imperativo dever moral

— olhar pelo levantamento e dignificação deste belo paiz do Occidente.

As nossas escolas são — como todos sabem — vergonhosamente deficientes; não de programas de ensino que pomposamente se exponham, mas de conhecimentos que realmente se utilizem. Todos sabem que o estudante sae das nossas escolas secundarias ignorando as coisas mais rudimentares. Mas se isto acontece nas escolas secundarias, o mal agrava-se relativamente nos nossos estabelecimentos de Ensino Superior. Com efeito, é espantosa a deficiencia scientifica e a lamentabilissima falta de habilitação literaria do diplomado da nossa Escola-Superior. E é daqui que saem brunidos e distintos os professores das nossas escolas de Ensino-Secundario, que sabem evidentemente muito menos do que *deviam* aprender os seus alunos.

E' daqui que saem os nossos medicos...

E' daqui que saem os nossos advogados...

E' daqui que sae toda esta politicagem dissolvente e charlatanesca...

E quando, acaso, fazemos estas banais considerações, os professores da Escola-Superior encolhem fatalistamente os ombros lamentando-se da falta de habilitação do aluno que lhe frequenta as aulas; os professores da Escola-Secundaria queixam-se da ignorancia lorpa do seu aluno que lá vai numa presteza admiravel galgando de bancada para bancada; os magros professores da Escola-Primaria accusam indignadamente o Estado que não lhes paga convenientemente os ordenados. E o Estado lamenta-se e queixa-se e acusa tudo e a todos que lhe fazem uma politica de empecilhos, uma politica de caldeirada, uma politica de desorientação morbida e mesquinhamente interessira.

Isto é um regime de Irresponsaveis, como diria Faquet...

E' urgentissima, pois, uma remodelação moderna e racional dos nossos estabelecimentos de Ensino-Superior, imediata e principalmente. E o dever imperioso e o direito incontestavel desta iniciativa pertencem iniludivelmente ao seu Professorado.

Reorganise-se a Escola-Superior. Trace-se um amplo programa de estudos. Mostrem-se os senhores professores severos até á dureza, austeros e justos na apreciação do aluno. A falta de preparação do aluno da Escola Superior não é obstaculo serio á realisação deste desideratum. O aluno dum Curso Superior já não é precisamente uma creança irresponsavel de liceu.

Tomará para si o com-



VIANA DA MOTA

promisso ponderado duma conduta séria. Reconhecerá a obrigação moral dum estudo realizado superiormente.

E verão os senhores professores da Escola Superior que esse gesto digno se repercutirá em todo o ambiente da Escola Portuguesa. E será deste modo unico que este lindo e querido Portugal renascerá, como o velho Lázaro, á luz duma Era mais próspera.

ANTONIO COBEIRA.



Viana da Mota

Um facto notavel occorreu no nosso mundo da arte, qual foi o dos concertos do glorioso pianista português Viana da Mota, cuja fama vem, por assim dizer, da sua primeira apresentação em publico, que revelou, desde logo, um artista de eleição, e que o tempo se encarregou de confirmar.

Viana da Mota era, aos 7 annos de idade, um minimo prodigio, mas ao contrario de tantos que por ali ficam, numa esperança irrealisavel, elle progrediu e progrediu sempre, nos estudos que fez na Alemanha, onde primeiro foi consagrado artista entre os mais notaveis pianistas, do que na sua patria, sendo aqui alguns dos seus primeiros concertos, quando elle tinha já grande cabedal de estudo, menos devidamente apreciados, senão menos intendidos.

Nos ultimos annos, Viana da Mota, depois de seus ruidosos triunfos, no estrangeiro, trouxe para a sua patria a gloriosa fama do seu talento e da sua tecnica, e então principiou a triunfar tambem aqui.

Os ultimos concertos que realisou no teatro da Republica, não deixaram duvidas a esse respeito, tendo tido sucessivas enchentes e colhido delirantes aplausos.

Os concertos realisados em honra de Lizst, cujo centenario passou em 22 de novembro findo, honraram sobremodo a memoria do grande musico evocada.

Viana da Mota foi sublime na execução do programa escolhido, na sua maior parte repertorio de Lizst; raras vezes o mestre terá sido tão cabalmente interpretado.

Uma orquestra portuguesa, sob a regencia de D. Pedro Blanch, secundou superiormente o trabalho de Viana da Mota, muito em especial quando aquella executou os *Preludios* de Lizst e no *Concerto em mi bemol*, em que acompanhou o notavel pianista.

Não é menos de notar a *Fantasia Hungara*, pela mestria e mais do que mestria, a alma com que D. Pedro Blanch regou.

Viana da Mota inexcédível, de execução no *Carnaval de Pesh* e na *Bénediction de Dieu*.

Finalmente, os concertos de Viana da Mota foram um acontecimento artistico que deixou inolvidaveis recordações ás seléas plateias que a elles assistiram.



Entrega de credenciais

Depois do reconhecimento da Republica Portuguesa pelas potencias, tem-se seguido a apresentação de credenciais pelos enviados extraordinarios e ministros plenipotenciarios dessas potencias, como aqui já se tem registrado, principiando pelos ministros dos Estados Unidos das Americas do Sul e do Norte, de Inglaterra, de Espanha, da Alemanha e, agora, pelos representantes da Republica Francésa e reino de Italia.

Foi no dia 25 de novembro, findo, que, no palacio de Belem, foi recebido com todo o ceremonial do protocolo, o sr. ministro de França, Saint René Taillandier.

O sr. ministro, entregando as credenciais, leu um discurso em que manifestou da parte da nação francésa a cordealidade de suas relações com Portugal, baseadas na reciproca simpatia dos dois povos latinos, tão semelhantes na lingua, e hoje mais do que nunca, no mesmo ideal politico. Assim fundadas estas relações muito tendem a desenvolver-se, no interesse comum dos dois paises, de que é já bom auspicio o acôrdo commercial realisado entre a França e Portugal, de que o sr. Taillandier foi intermediario.

Sob esta ordem de ideias respondeu o Chefe do Estado, confirmando tambem o desejo da nação portuguesa em estreitar as suas relações com a França na mais franca cordialidade.



M. SAINT-RENÉ-TAILLANDIER,
MINISTRO DA FRANÇA

(Cliché da «Mala da Europa»)

No dia 28 egual cerimonia se realisou, no palacio de Belem, para a recepção do sr. ministro de Italia, marquês de Paoluci di Calboli.



O MARQUÊS DE PAOLUCI DI CALBOLI
MINISTRO DE ITALIA

(Cliché da «Mala da Europa»)

Do discurso que o sr. ministro leu, estratamos os seguintes periodos:

«Intérprete das intenções do meu augusto soberano, será meu empenho manter os vinculos de amizade e simpatia que ligam as duas antigas nações latinas, vinculos que o recente restabelecimento das relações commerciaes entre os dois povos não poderá senão consolidar ainda mais.»

«Aos votos que faço pela prosperidade deste nobre país, permito-me juntar os que formulo pelo seu primeiro magistrado, com a preciosa benevolencia do qual estou certo poder eficazmente contar para o desempenho da alta missão que me foi confiada.»

Animado dos mesmos sentimentos respondeu o sr. Presidente, acentuando a cordialidade de relações existentes entre os dois paises, e quanta simpatia os portugueses dedicavam á gloriosa nação italiana.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuo do numero n. tecedente)

De Singapura a Colombo

Singapura (singa puru — cidade do leão) é hoje a capital dos Straits Settlements, foi fundada em 1819 por Sir Stamford Raffles e comprada a ilha em que está situada em 1824 ao sultão de Johore por £ 12.500 e a renda vitalicia de £ 5.600.

Passa ali todo o movimento maritimo em caminho para o Oriente e é o centro da navegação que se dirige ás colonias hollandezas, Sião, Borneo, Malaca, Penang, etc.

Não visitava Singapura ha 24 annos e devo dizer que é uma das cidades do Oriente que mais tem progredido. Possui bellos edificios, optimas e bonitas estradas, tramways electricos, mais de 500 automoveis, boas pontes, e as obras do porto em via de acabamento, vão custar nove mil contos. Dentro em pouco todos os navios poderão atracar ao caes para descarregar. É um porto franco, só pagando direitos as bebidas alcoolicas, não existe imposto de rendimento, os salarios são pouco elevados, de modo que a vida é barata.

Os serviços domesticos são desempenhados por creados e creadas chinas, são tambem chinas quem puxa os Rikshas, mas os cocheiros das carruagens de praça são todos naturaes d'uma pequena ilha ao norte de Surabaya (Bawean) onde não ha cavallos! Dos 250 mil habitantes, tres quartas partes são chinas, um oitavo malaios, 1/16 europeus e 1/16 indios. Da população total, tres quartas partes são homens e um quarto mulheres.

Acompanhado pelo consul de Portugal, visitei no dia 10 de novembro o acting governor mr. William Evans e o general no forte Canning.

No dia 11 mettemos 160 toneladas de carvão Cardiff fornecido pela Borneo C.º L.ª ao preço de 36,5 shillings f. o. b. e foi-nos offerecido um lunch pelo consul no Singapura Club.

A 12 estiveram a bordo a agradecer-me as visitas que lhes tinha feito o acting governor acompanhado pelo seu ajudante capt. F. J. Saunders e o major Hurdis S. L. Ravenshaw em nome do general que estava ausente. Salvámos á saída com 15 tiros.

Trocámos cumprimentos com o navio hydrographico da marinha ingleza, *Waterwitch*, commandado pelo lieut-commander R. L. Hancock. Este navio é o antigo yacht da celebre actriz de mrs. Langtry, tem a bordo oito officiaes e está fazendo uma sondagem muito rigozosa dos estreitos de Singapura. Trabalham constantemente de abril a dezembro e durante os restantes tres mezes do anno vão para Hong-Kong reparar o navio e desenhar as cartas. Os officiaes trabalham das 6 da manhã até ao pôr do sol, cada um na sua embarcação, fazendo sondagens. Na sexta feira á noite o navio fundeou em Singapura, partindo de novo na segunda feira ao amanhecer. Estivemos a bordo examinando os interessantes methodos de trabalho, prumos, etc.

No dia 13, a convite do consul, percorri a ilha em automovel e jantei na bonita e bem situada residencia d'aquelle amavel funcionario.

A's 9,30 da manhã do dia 14 começámos a navegar em direcção a Ceilão; passando Pulo Pi-

sango ás 2,15, o farol de Undan ás 8,45 e o Cabo Rachado ás 11,45. Pelas 5,30 da manhã do dia 15, debaixo de um forte aguaceiro, passámos o farol de uma braça, ao meio dia Pulo Pandang e ás 3,30 Pulo Varela. Limpou a atmosphera e melhorou o tempo com NW bonançoso.

Navegámos no dia 16 á vista da costa de Sumatra até ás 5 horas da tarde, quando passámos uma milha ao norte de Pulo Weh e se soltou o rumo a W em direcção a Ceylão. Saimos do estreito de Malaca e entrámos no Oceano Indico. No dia 17 tivemos ventos contrarios de W e alguma chuva, mas no dia seguinte entrámos francamente no bonito tempo da monção NE. Depois que em Inglaterra se introduziu nos exames para piloto o conhecimento do alfabeto Morse, quasi todos os navios mercantes falam quando se encontram, transmittindo o nome, destino, etc. Assim, communicámos na noite de 15 com o paquete francez *Dumbia*, que de Singapura seguia para Colombo e na de 18 com o vapor *Hemosa*, que de New York se dirigia a Singapura. A's 10,20 da noite do dia 19 avistámos o farol de Dondra Head e contornámos a costa de Ceylão ao longo da qual encontrámos, como era de esperar, uma forte corrente a favor.

Pelas 8,30 da manhã de 20, fóra do porto artificial de Colombo, salvámos á terra e entrámos em seguida para dentro dos molhes, onde, sob as indicações do práctico, amarrámos com o ferro de EB. e espias da prôa e da pôpa dadas para boias.

De Colombo a Gôa

O porto artificial de Colombo está quasi concluido. Estão acabados os quebramares do noroeste e nordeste e o ramo exterior do quebramar sudoeste deve ficar prompto durante a actual monção NE. O porto é constantemente dragado até á profundidade do canal de Suez, de modo que todos os navios que ali passam tem a certeza de poderem entrar em Colombo. O novo dique do governo com 213^m,3 de comprido e 25^m,9 de largo, já está concluido e estão em acabamento as officinas annexas. Existem tambem dois planos inclinados, n'um dos quaes pôdem entrar navios de 1:200 toneladas de deslocamento. A importação de carvão regula por 700.000 toneladas por anno e embarca-se facilmente á razão de 80 a 100 toneladas por hora.

Em depositos apropriados encontram-se armazenadas umas 3.000 toneladas de combustivel liquido.

O movimento do porto é muito importante. Todas as linhas de paquetes que navegam para o Oriente fazem escala por Colombo e a exportação de chá, canella, côcos, café, graphite, quina, borracha, etc., augmenta constantemente. A cidade tem se desenvolvido e n'ella se encontram muitas igrejas e templos de Buda e Siwa, um museu, muitos bancos, duas bibliothecas e uma importante canalisação de agua potavel vinda de 48 kilometros de distancia.

No dia 21 fomos convidados pelo governador para um *garden party*, em honra do principe herdeiro da Allemanha e prinzezin Cecile que se realizou nos bonitos jardins do palacio do governo Queen's House. Concorreram a esta interessante festa todas as auctoridades e a primeira sociedade de Ceylão, entre os quaes muitos indigenas e suas familias vestidos com os seus trajes nacionaes.

Mettemos 200 toneladas de carvão Cardiff ao preço de 33 shillings a tonelada f. o. b. fornecido pela casa Clark Young & C.º que nos fóra indicada de Londres.

No dia 22, acompanhado do consul de Portugal, visitei o governador e o general, visitas que me fóram retribuidas. Tendo visto nos jornaes a noticia de que o governo inglez já reconhecera a Republica Portugueza, perguntei ao governador que informações tinha a tal respeito. Sua ex.ª disse-me que não tinha noticia alguma official. Quando chegou o *Vasco da Gama*, telegraphára ao seu governo pedindo instrucções e a resposta que teve foi: que correspondesse ás salvas tiro por tiro, mas que não içasse bandeira alguma. No dia 23 estive em Kandy onde visitei o Jardim Botânico que cada vez está mais bonito e interessante, prestando enormes serviços á agricultura da ilha. A's 9,15 da manhã de 24 saímos de Colombo em direcção a Gôa. Ficavam em Colombo, afim de seguir para Lisboa pelo paquete hollandez, o 1.º sargento artilheiro Raymundo Alves e o 1.º fogueiro 2039 Manoel Gonçalves que o medico de bordo achou indispensavel regressarem á metropole, visto o seu estado de saude.

Navegámos ao longo da costa de Malabar á

vista de terra e com mar plano. A's 7,30 p. m. do dia 25 marcámos pelo travez o farol de Calicut, ao anoitecer de 26 vimos o farol de Oyster rock, ás 8 marcavamos pelo travez o farol de Cabo Ramos que estava dando pessima luz e ás 8,30 avistámos o farol da Aguada. Navegando a demandar este ancoradouro, fundeámos, pelas 11 horas da noite, em 5 braças de fundo com 30 de amarra. No dia 27, ao içar da bandeira, salvámos á terra. Vieram cumprimentar-me o ajudante do governador, capitão do porto A. Neuparth e commandante da canhoneira *Sado*, capitão tenente Loforte. Fui no escaler a vapor a Pangim onde cumprimei o governador e o commandante da *Sado*, e ás 5,30 suspendemos e, seguindo as indicações do capitão do porto, entrámos a barra do Mandovi e fundeámos em frente da cidade.

De Pangin a Mormugão e Bombaim

No dia 28 de novembro veiu a bordo Sua Excellencia o Governador que foi recebido com as honras do estylo, e recebi as visitas das principaes auctoridades que retribui.

A 1 de dezembro embaideámos em arco salvando ao meio dia, e á noite realizou se no Palacio do Cabo o jantar offerecido pelo Governador Couceiro da Costa aos officiaes do *S. Gabriel*. Concorreram a esta festa as principaes auctoridades militares de Pangin, e onze officiaes do cruzador.

No dia 2 convidei a almoçar a familia do Governador e ajudante, commandante da canhoneira *Sado* e capitão do Porto, e no dia seguinte realizou se do «Club Vasco da Gama» um baile offerecido ao *S. Gabriel*.

Visitaram as installações electricas de bordo os alumnos de physica do Lyceu acompanhados pelo respectivo professor. Pelas 10,30 da manhã do dia 4 de dezembro depois de ter recebido a bordo dez presos que a requisição do Governador devemos conduzir a Moçambique, suspendemos, sahimos a barra e fomos fundear em Mormugão pelo meio dia.

Vimos com pesar que Pangin pouco ou nada progrediu desde a ultima vez que ali tinhamos estado ha 24 annos!

Para um navio como o *S. Gabriel* já se encontra difficuldade em obter a agua necessaria aos serviços de bordo. Não ha barca d'agua e uma embarcação com pipas que fornece a *Sado* não pôde servir dois navios. A agua que mandavamos buscar nos escaleres era má e nem para as caldeiras servia.

Trocamos em Mormugão cumprimentos com o navio inglez da marinha da India *Paliourus*. No dia 5 ás 7 da manhã suspendemos, collocou se um alvo fundeado sobre os baixos e depois de fundearmos á distancia de 800 metros começamos um exercicio de artilheria com as peças de 48^{mm}, que durou até depois das 2 da tarde. Fizemos tambem um lançamento de torpedos que correu regularmente. Pelas 2,30 recolhemos o alvo e ás 3 começamos a navegar em direcção a Bombaim.

A's 6,20 estava pelo travez o farol de Vengorla e continuando ao longo da costa com muito bom tempo, proprio da monção, demandamos na manhã de 6 a entrada de Bombaim, ás 11,20 metemos pratico, ao meio dia salvamos á terra e pouco depois amarravamos a uma boia em frente de Apollo Bandar que o governo inglez amavelmente nos offereceu.

Junto remetto o relatório do encarregado de artilheria sobre o exercicio que teve logar em Mormugão, com o qual concordo plenamente.

Bombaim, 6 de dezembro de 1910.

Mormugão, 5 de dezembro de 1910. — Ao commando do cruzador «S. Gabriel» — Do encarregado de artilheria do mesmo.

Conforme as ordens recebidas aproveitaram-se as horas que o navio esteve fundeado em Mormugão para um exercicio de tiro ao alvo nas condições do mappa junto.

A distancia foi obtida por meio do telemetro e a marcação dos empates e alcances, feita por um guarda-marinha n'um escaler á distancia regulamentar.

O porto de Mormugão presta-se admiravelmente, n'esta epocha, para estes exercicios, pois não ha vento nem mar.

O exercicio começou ás 8 (a. m.) e terminou ás 2,30 (p. m.), com um intervallo para o jantar e um outro para o lançamento d'um torpedo.

O resultado dos tiros vaee exarado no mappa junto, tendo sido a regulção que deu com a dis-

tancia calculada, feita com tres bons tiros, pelo atirador especial n.º 4146.

Pena foi que a escassez do tempo não permitisse que todas as praças fizessem fogo. A nossa praça mostra uma adaptção especial para atirador, que muito convém não desprezar e que eu tive tambem occasião de observar na *Afonso d'Albuquerque* em 1906, no *D. Amelia* em 1909 e 1910 e em parte na *Estephania*. E' preciso notar que sendo dados 10 tiros por cada atirador, teve cada um de empregar uma média de 28, devido ao mau estado em que se encontram as munições, accrescentando a isto que o atirador fazia fogo com tres peças, afim de se não perder tempo; é claro que o atirador estava caçado para o fim e por outro lado não tinha tempo de se adaptar á peça. O exercicio assim torna-se desanimador para o atirador e fatigante para o pessoal que o fiscalisa. A percentagem dos alvos foi de 20 %.

Sobre esta polvora, de que existem a bordo uns 2.000 tiros, consta pelo parecer n.º 326/18/8,909 da C. T. de A. N. enviado a esse commando, que «a polvora B M I tem a resistencia minima de 25 h. e 55 m. e 2.º é conveniente ir utilizando em exercicios a polvora B M I pois embora em bom estado, é antiga e de menor duração.»

No exercicio empregaram se 148 tiros, sendo disparados 58 e deitados ao mar por falharem 90, o que representa respectivamente uma percentagem de 39% e 61%. Das granadas disparadas, 5 partiram alguns segundos depois de ferida a escorva e umas 4 rebentaram antes de attingir o alvo, sendo de notar todavia que duas d'estas empregavam espoletas *Desmaret*. Accrescentando que estas polvoras supportaram, desde a data do parecer, em varias localidades (Rio de Janeiro, S. Francisco, Shanghai, viagem de Hong-Kong até Soerabaia para Manilla e Timor) e durante algum tempo temperaturas superiores a 30º e que chegaram a 33º, pelo que se mudaram as que estavam no paiol de 12 de vante para o paiol de 12 de ré mais fresco, mas em que as temperaturas tem chegado nos climas quentes a 31º, o que novamente se attingirá durante a viagem do navio á volta de Africa, não baixando além de 28º chego á conclusão de que estas polvoras se acham hoje em muito peiores condições do que as exaradas no parecer acima referido e que portanto é da maxima conveniencia o seu rapido dispndio.

Aproveito a occasião para pedir a attenção d'esse commando para o seguinte:

E' sem duvida o exercicio de tiro ao alvo, o mais util n'um navio de guerra e aquelle pelo qual a praça tem mais entusiasmo, além das vantagens pecuniarias que lhes traz, pois que o bom apontador que mantenha esta classificção tem direito a vencer o pret da classe immediata. A restante instrucção de artilheria, manejo do material, armamento e desarmamento de machinismos, elevadores, formaturas, torna-se demasiado massante quando não seja dada com o fim unico de as praças manterem o que sabem; por exemplo: acho contra produtoro o estar a ensinar a um cabo ou 1.º artilheiro o armar e desarmar uma culatra, que elle faz por assim dizer automaticamente e em geral, bem melhor que o instructor. Uma vez ou duas o maximo por semana, é mais que sufficiente, para que esta instrucção tenha um caracter util e não o de simples emprego de pessoal. E' na instrucção de tiro que nós devemos teimar, mas fazel-o como na marinha ingleza com todo o metodo e vagar.

Assim, as praças devem começar pela pratica de pontaria com carabina e cavalete, de maneira a obter o melhor triangulo; depois exercicio de pontaria á bocca com o Percy Scott, e quando bem treçadas n'este, passar ao tiro reduzido de 47^{mm} (6,5) onde se dispenderão as munições precisas para que a praça se habitue a todas as condições de tiro, navio fixo e alvo fixo e movel. Entram todas as praças n'este tiro, fazendo-se a selecção para os seguintes. Depois passa-se ao tiro reduzido das peças de grosso calibre, tiro de combate das peças de 47, tiro de combate de grosso calibre e tudo com alvo e navio fixo ou movel, terminando pelo tiro rapido e de noite. E' claro que se vão fazendo as successivas selecções. Novamente se voltará ao tiro de cavallette e assim successivamente.

E' assim que se faz na marinha ingleza, onde o melhor apontador classificado no *battle practice*, volta a simples pontaria de carabina.

Para satisfazer a estas condições acho da maior conveniencia a acquisição de, pelo menos, dois cavalletes para a pontaria com carabina e dois aparelhos de tiro á bocca. Tanto um como ou-

O Primeiro de Dezembro em Lisboa



O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA RECEBENDO AS SAUDAÇÕES DO POVO, JUNTO AO MONUMENTO DOS RESTAURADORES

távam os seus reportórios e aclamações calorosas estrugiam á Republica e ao seu venerando Presidente.

Emquanto isto se passava cá fóra, lá dentro, no historico Palácio do Conde de Alameda, o entusiasmo não era menos arrebatadôr.

Mas esse entusiasmo tornou-se extraordinario e intensissimo ao organisar-se entre vivas e palmas o cortejo até ao monumento da Praça dos Restauradores. Em outros pontos da cidade, aqui e ali, os populares se reuniam e pelas suas calorosas manifestações e gestos de entusiasmo, bem se notava que era vivissimamente gravada nos seus corações a data para todo o sempre gloriosissimo de 1.º de Dezembro.

A alma nacional parece reviver resuscitada da sua modorra de baixo entorpecimento. Já de ha muito tempo se anciava, pois, o momento em que o coração do povo atentassem bem na significação moral e essencial desta comemoração.

Foi na salinha, que em 1640 se reuniram os conspiradores, e em que ainda hoje se reúne a antiga Comissão Primeiro de Dezembro, que a mesa desta composta dos srs. dr. Silva Amado, Ornelas e Major Escrivanis, recebeu o Chefe de Estado, ministros, etc.

tro já existem em alguns navios nossos, como *D. Carlos*, *D. Amelia*, *Patria* e eu proprio poude verificar no *D. Amelia* e em parte na *Estephania* a vantagem pratica d'estes exercicios. Esta aquisição devia ser o mais rapido possivel, por quanto esta instrução demanda muito tempo e paciencia.

O encarregado da artilheria.
— Manuel Norton

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



O 1.º de Dezembro em Lisboa

Por este lindo Portugal, em fóra, todos os bons patriotas se esforçaram por comemorar condignamente a gloriosa data em que conseguimos libertar-nos duma subservencia que nos humilhava e agrilhoava dolorosamente.

Em Lisboa, este aniversario foi festejado entusiasticamente. Em predios publicos e particulares, as bandeiras verde-ruibras distintivas da nossa nacionalidade ondulavam naquelle dia algum tanto chuvoso e aspero. Mas nem por isso um grande entusiasmo deixou de manifestar-se. Em reuniões familiares, em estabelecimentos publicos, em clubs, em associações de beneficencia e recreio, a recordação de tão gloriosa data foi revivescida com fervôr pelos corações dos verdadeiros portugueses.

Os largos apareceram alegres e afestonados, as fachadas de alguns edificios vistosamente decoradas, diversas sociedades

de musica fizeram ouvir-se com agrado, e bastas girandolas de foguetes estufaram no espaço.

No pequeno largo de S. Domingos, as multidões congregaram-se principalmente e ali afluíram incessantemente e bandas de musica esgo-



O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA, MINISTERIO E MEMBROS DA «COMISSÃO PRIMEIRO DE DEZEMBRO» DIRIGINDO-SE ENTRE O POVO PARA A PRAÇA DOS RESTAURADORES

(Clichés Alberto Lima)

GUERRA ITALO-TURCA



AGADIR

Guerra Italo-Turca

Agadir

Eis os topicos redigidos por Bouillet, na obra já citada anteriormente:

«AGADIR, v. et port du Maroc, sur l'Atlantique, à 244 kil. S. O. de Maroc: c'est le meilleur port de l'empire. Cette v. appartient longtemps aux Portugais, qui l'appelaient *Sainte Croix*; elle leur fut enlevée par les Maures en 1536. S'étant révoltée contre Sidi Mahomet, elle fut prise, ruinée, et ses habitants transférés à Mogador (1773).»

Foi nas aguas d'este porto que, recentemente, fundeou o navio de guerra, allemão, *Panthera*, desembarcando alguns centenas de homens.

Não só, porém, a bandeira allemã fluctuou em Agadir.

Em *L'Illustration*, n.º 3582, de 21 d'outubro ultimo encontra-se, subordinado ao titulo — *Le Drapeau d'Agadir* — um curto artigo, noticioso de um facto occorrido ali com certa graça anedotica.

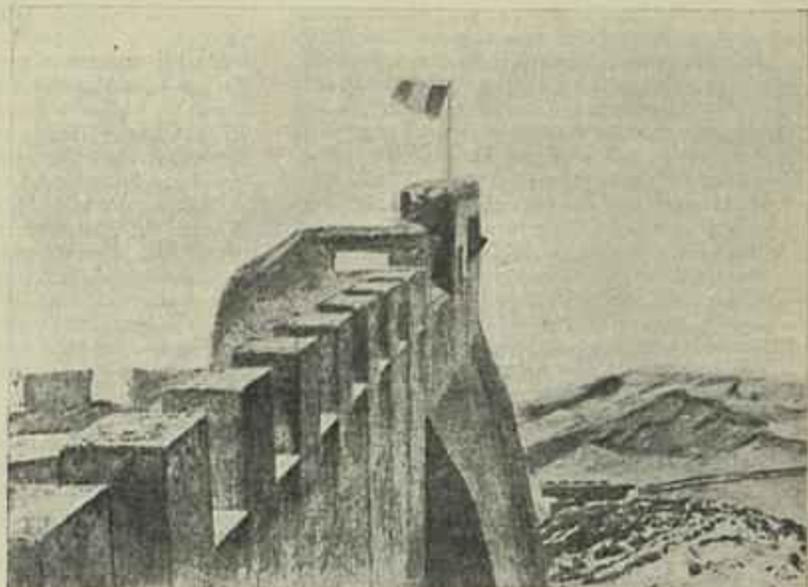
Varios francezes, jornalistas e negociantes, que fôram para Agadir pouco depois do acto de força germanico, e que havia sido melhor ou peor installados pelo califa, um bello dia, constando-lhes que a França havia competente auctorisação para afirmar o seu protectorado em Marrocos, arvoraram as suas côres nacionaes.

Houve no local admirações e até surpresa de perguntas e respostas, determinadas por parte do califa e amigos allemães, então representados por novo navio de guerra, o *Berlin*, substituto do *Panthera*; mas, a tantas diligencias de pesquisa retorquiram os francezes, muito naturalmente, que a todo o cidadão assiste o direito de, em signal de regosijo, arvorar a sua bandeira onde quer que se encontre.

O artigo a que me reporto, conclue por estas palavras significativas:

«Et depuis ce temps, le drapeau bleu, blanc, rouge, flotte librement dans l'azur du ciel marrocaïn, sur une kasbah de Sa Majesté Chériffienne, hissé le matin à 8 heures, rentré le soir au coucher du soleil. C'est bien inoffensif, et cela donne une grande joie à nos compatriotes campés sur ces rives inamicales.»

Agadir, a que fez referencia em communicacão interessante á Academia de Sciencias de Portugal, o erudito escriptor Lopes de Mendonça, cons-



A FORTALEZA DE AGADIR



THEATRO NACIONAL AMEIDA GARRET — «VINTE MIL DOLLARS», ULTIMO ACTO ULTIMA CENA, A ABERTURA DO COFRE

(Cliche Alberto Lima)

titulu na successão de conquistas que realisámos em terras da Mauritania, a partir do dia de Ceuta, em 1415, uma posse nossa, perdida durante o governo de João 3.º, que occupou o throno de Portugal, desde 1521 a 1557.

Não foi só Agadir que perdemos por esse tempo, outras povoações africanas deixaram de pertencer-nos, das quaes abrimos mão.

O finado dr. Sousa Viterbo, na advertencia preliminar que poz á frente do volume da Bibliotheca de Classicos Portuguezes, intitulado *Historia do Cerco de Mazagão*, traçou estas linhas a tal respeito:

«Ainda hoje o abandono de Safim, Arzila e de Azamor é considerado como um dos factos mais desastrosos d'aquelle reinado.»

E mais adiante, acrescentou:

«Quem compilasse, n'um volume de historia, as batalhas e cercos sustentados pelos portuguezes na conquista e na defeza das praças d'Africa, teria escripta uma opulentissima *Illiada*. Em nenhuma parte se ostentou tão radiante o heroismo dos nossos soldados. Custa a crêr como um punhado de homens realisava taes milagres de valentia. Não batalhavam com povos inermes e ignorantes da arte da guerra; era uma lucta acesa e quotidiana com uma raça bellicosa, herdeira d'uma civilisação brilhante. Era a porfia de duas crenças, que tinham jogado na península um duello de morte. Infelizmente o perfume das especierias orientaes estonteou-nos e a conquista da Mauritania, iniciada por D. João 1.º, proseguida com toda a efficacia pelos seus successores até D. Manuel, foi um mau sonho na cabeça de D. João 3.º.

A historia das praças d'Africa poderia fornecer assumpto de sobra para a imaginação d'um poeta, para a elaboração d'um romanceiro.»

N'estas circumstancias se acha precisamente a da perda de Agadir ou antes Santa Cruz, denominação que lhe deramos.

Em 1531, os mouros tentaram apoderar-se da cidade, sitiando a.

Valeu então aos nossos o governador da Madeira, Simão Gonçalves da Camara, que a soccorreu de prompto com alguns navios e repelliu os atacantes.

Voltaram estes por segunda vez e ainda não fóram mais felizes do que da primeira, pois, de novo aquelle governador, de Lisboa, onde se encontrava na occasião, promoveu a immediata partida efficaz de soccorro, ao mando de D. Luiz de Noronha e D. João Fogaça, filhos de D. Joanna camareira-mór de D. Catharina.

Continuaram, porém, os mouros em suas investidas e por fim senhorearam-se de Santa Cruz.

Vou agora inserir, n'esta altura, um episodio, galante, nos proprios termos em que o transcreveu ou traduziu, Francisco Duarte Almeida e Araujo, na *Historia de Portugal* que deu á estampa, em Lisboa, no anno de 1852:

«Entre os que cahiram em poder dos mouros, quando a cidade de Santa Cruz, no cabo de Aguer, cahiu em suas mãos, foi um o governador Monroi com seus dois filhos D. Luiz e D. Mencia. Era esta rapariga engraçada e linda. Enamorado o xarife victorioso d'estas gentis condições, como os mouros não sabem que cousa sejam suspiros, pois amar e dizel o logo é o que elles praticam, declarou o xarife o seu amor, logo que o sentiu. Mandou metter a D. Mencia no seu serralho, quiz gozar d'ella, e moveu-a juntamente a abraçar a doutrina do seu propheta. Recusando ella com horror uma e outra cousa, foi mettida n'uma escura prisão. Chegou por este tempo a Tarudante, logar onde residia o xarife, um religioso que vinha a resgate de captivos. Trazia este expressa ordem para resgatar a D. Mencia; porém não fez caso d'ella. Informada D. Mencia d'isso, mandou advertil-o, e o religioso deu-lhe em resposta que não era justo sacrificar o resgate de cem escravos por ella só. Com effeito tinha o xarife declarado que queria por ella só tanto dinheiro como por cem escravos. Considerando então D. Mencia o deploravel estado da sua condição, e talvez movida da violenta paixão do xarife, que a seu respeito mudara de estylo de proceder, e que em logar da violencia, e ameaças, valia se para moveu-a de tudo o que a galanteria do seu paiz podia inspirar-lhe, mudou afinal de religião, e abraçou a mahometana. Não ha palavras, que signifiquem qual foi a alegria do xarife, que a constituiu logo no logar de uma de suas mulheres, e já não attendia a outra senão a ella, permitindo-lhe que vestisse á maneira do

seu paiz. Comia com ella em meza alta, como os christãos, e contra o costume dos musulmanos. Emfim levava se unicamente do brioso ciume de agradar-lhe, e desprezou as outras suas mulheres. Chegou D. Mencia a pejar, deu á luz uma menina, e morreu pouco depois. Ha quem diga que as outras mulheres do xarife, levadas do ciume, lhe abreviaram a vida. Estando para exirir, mandou chamar os escravos portuguezes, e disse-lhes: — Todos vós dizeis que eu professava a religião mahometana; mas Deus é testemunha de que eu morro christã, e que sempre o fui no interior do meu coração. — Sentiu o xarife tanto o perdê-la, que ficou immovel, e sem sentidos durante muitos dias, e depois d'isso fechou-se no serralho por espaço de quatro mezes, sem consentir que pessoa alguma se chegasse a elle. Entendem os mouros, e têm por certo que os defuntos tornam algumas vezes, falam e comem. Levado o xarife d'esta preocupação, mandava todos os dias á sepultura de D. Mencia deliciosas iguarias, e ordenava aos que a levavam que assegurassem á sua amada Mencia um amor eterno. Servia-se então das expressões mais vivas, e apaixonadas. Emfim, cansados já os seus amigos de vel-o acabar assim a vida á violencia da uôr, tiraram-o á força do seu paço, e forcejaram por arredar-lhe a saudade, que tinha de quem era causa de tamanha paixão.»

Agadir, portanto, reportando-nos á Santa Cruz do passado, memóra lances de bravura e gentileza, ao par com fervor singular de ternuras de affecto entre almas que amor, esse inexgotavel e incomparavel potencial energico da humanidade, enlaçou docemente.

Não se prende Agadir com a guerra Italo-Turca, directamente, mas surgiu a pello, a seu proposito, e não é extranha a mouros, que tambem habitam a Tripolitana, nem o territorio marroquino, onde tem local de assento e posição geographica, é tão alheio á gente d'aquellas bandas que não faça passagem annual por Tripoli alguma caravana, dirigindo se de Marrocos á Méca celebrada.

Quando virá o iris de bonança pôr termo á guerra entre italianos e turcos, e, acima de todas as considerações egoisticas, definir com precisão exactissima o direito dos povos?

Aguardemol-o, em duvida.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Memorias da Revolução

Nas Francesinhas

Rutilava o sol otonalmente. Ao portão o povo aglomerava-se fraseando obscenidades, impedindo-lhe a entrada marinheiros do *Adamastor*.

Transposta a portaria, a balburdia era grande. Irmãs da caridade emmalavam enxovias das educandas com zeloso carinho. O saqueamento popular d'ante-ontem arrumara tudo em bric à-brac de feira. Aqui telas, all castiças e palmitos pelo chão, santos partidos, azulejos arrancados. Era a obra primorosa da feriverosa jesuitofobia dos discolos.

Naquelles momentos os coios recordavam as paginas da invasão francesa.

Dirigi-me a uma irmã. Declarei nome e profissão, solicitei informes. Fitou-me. Seus pequeninos olhos azues interrogaram algo que seus labios não proferiam.

A gentil irmasinha apresentou-me a Soror Maria da Conceição, superiora do asilo. Declinada a filiação, tive o mais bizarro acolhimento.

Soror Conceição, inquietou assustada. — «Para onde nos levam?» — «Para o arsenal — respondi — depois, para os lares de vossas familias.» Nos traçozeiros olhos da minha apresentante lia-se a tranquillidade do seu coração. Quem sabe porque ali estaria?!

Soror Superiora, entre a falásia das familias buscando creanças, informava-me: — «Estamos oito irmãs; uma até setagenária, enfermeira á trinta annos. Tinhamos três creadas e setenta e nove creanças. Muitas são orfãos de paé e mãe. Felismente o Albergue dá-lhes guarida.

Interrompi: — «A senhora viscondessa de Silva Carvalho, como presidente das damas protetoras, que ordenou?»

— Officiei-lhe, e respondeu-me que desinteressava-se da instituição. Na noite de ante-ontem

estavam as creanças deitadas, começou o tiroteio no Quelhas. O commandante da força convidou-nos a abandonar o edificio e fomos para a cêrca das Côrtes. Ali estivemos até madrugada. As creancinhas choravam com frio e medo. Nós confiavamos na Divina Providencia.

Nesta altura, três creanças vêem despedir-se. Vão-se embora, choram. São filhas de gente pouquissimo abastada. Quem sabe. Talvez aquélas lagrimas sejam pronuncios de privações?

A linda irmã apresentante, volta, indicando-me a um soldado: — «O' sôr jornalista, sabe, descobri um uraco por ode os jesuitas se raspam, venha vêr.» E enquanto D. Maria da Conceição dava ordem para nada esquecer ás pupilas, afastei-me.

A um vão da cêrca, lá estava um receptaculo. Acompanhou-me o sargento Luiz Pinto. Subi uma escada de mão e o eroico soldado vendo-me desarmado oferece-me o revolver. Recusei. Montei a parede, e observei o interior á luz de fósforos. O tétro gotejava a umidade da terra, a escuridão era intensa, uma escada permanecia. Havia probabilidades d'um caminho. Tento descer para fugitivariar, mas a escada desce. Desisto. Aquilo era... uma cisterna por mais que me digam.

Perto, na cêrca, contemplei uma cascatesca capéa com uma imagem da Senhora de Lourdes.

Ao reentrar no edificio, com o sargento Pinto, outra irmã, «do mando de Soror Superiora, offerrou-nos o *lunch* unico que tinham». Agradecemos a gentileza. Alardeara-se a noticia que os padres haviam envenenado os generos alimenticios. Audaciosamente tomei um bolo, estava... delicioso. Entretanto, a irmã dois cristalinos calices enchia com velho e cristalino Madeira.

Confesso, envelheci. Recordei-me da freirinha que namoriscara na cosinha economica. Lembrei-me daquella irmã que n'um amanhecer de esturdia, deixara-me contemplar seus fidalgos dentes jaspeanos. Antevi a delicia dos trovadores d'outeiros na época de D. João V.

Ah! quantos labios fidalgos teriam tocado aqueles cristaes?

Entretanto, tristemente o relógio conventual dá três óras. Chegava o diretor da agencia *Reuter*, e os redatores do *Standart* e *Daily Express*. Ciceronei-os na visita. Perante as télas e imagens seculares, detiveram a sua analyse. Momentos depois o commandante da força participava-me que as irmãs iam partir.

Assisti á largada. Nos olhinhos da minha apresentante lia-se a alegria a contrastar a tristesa das outras irmãs.

A população ao portão, fraseava obscenidades.

Outubro de 911.

ALVARO NÉVES.

A casa submarina

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1185)

Effectivamente, aquella era a voz da razão, e quando o dr. Gray e o capitão Nepeen acrescentaram algumas palavras apoiando as do francez, dei uns passos até á borda da rocha e fiz-lhes conhecer qual era a minha resposta.

— Dar-lhes-ia agua de muito boa vontade se me dissessem onde a posso encontrar, — disse eu aos bandoleiros; — mas não posso dar o que não tenho. Estamos aqui sem agua, e o que é mau para uns tambem o é para outros. O barometro annuncia chuva e portanto esperal-a-hemos todos e assim fica resolvida a questão.

Escutaram-me até acabar de falar, mas não comprehendendo certamente o que eu dizia, continuaram a gritar.

— Agua!... agua!...

E quando eu tornei a dizer que a não tinha, um d'elles, pondo-se repentinamente em pé, no meio do bote, disparou um tiro contra o capitão Nepeen que sem pronunciar palavra caíu morto a meu lado.

— Santo Deus! — exclamei — mataram o capitão!...

A surpresa foi terrível, não houve mais que um relampago, um grito inarticulado e um homem caindo sem vida junto de nós.

Os proprios piratas, segundo me pareceu, ficaram tão assombrados como os que estavam sobre a rocha. Podiam perfeitamente matar-nos a todos da mesma maneira, descobertos como estavamos, mas talvez por um milagre, não pensaram em o fazer, e voltando-se contra o seu proprio companheiro, arrancaram-lhe a arma da mão e dando-lhe com ella na cabeça lançaram-no ao mar.

— Sejam testemunhas de que não tomamos parte n'este attentado — gritaram elles. E Jak Bilbow foi sempre um mau homem. Não tornem as culpas a cincoenta homens, do que praticou um só. Fôra com as armas, que já não precisamos d'ellas.

Assombrou-nos este phraseado. Nenhum de nós se tinha movido, e o cadaver continuava estendido no chão sem que lhe tivesse tocado.

Dentro dos botes os bandidos amontoavam as armas e arrojavam-nas ao mar. Nunca pensamos nem mesmo em momentos de maior esperança, que esta situação acabasse de tal maneira.

Depois de lançarem as armas fóra, remaram direitos a nós, mas parece-me que até ao fim, recearam sempre a metralhadora, mal sabendo elles que nós já não tinhamos munições para ella.

Era uma mudança rapida que me pareceu como se a luz do dia houvera servido de esconjuro para realisar aquella maravilha.

Apezar de tudo, as minhas duvidas continuavam e aquella scena não me fazia resolver nada sobre a situação critica em que todos nos encontravamos.

Já disse que tanto a porta pequena como a grande da casa submarina eram abertas na parte da rocha acima do nivel do mar nas maiores marés, e offerecia um desembarcadôro excellente onde as lanchas podiam acostar. Mas não eram só estes os pontos vulneraveis da rocha, porque haviam alguns, redondos como cupulas, que formavam traidores precipicios e ainda outros em que nas marés baixas se podia caminhar a pé enxuto por elles, e que formavam uma especie de patamar grande, antes de entrar a porta.

Convencidos talvez de que a nossa situação não seria melhor que a sua, aquelles homens, desesperados e entumecidos pelas muitas horas que tinham estado presos aos botes, puxaram as correntes, e seguindo-se uns aos outros como carneiros, chegaram até á borda da rocha, e escalaram-na, ficando para ali n'um estado de prostração impossivel de descrever.

Não tinhamos coragem para os atacar e lançal-os d'ali para fóra.

O novo dia, que tão ardentemente desejavamos, não nos trazia nada que melhorasse a nossa situação. O céu escureceu sobre o mar que já estava bastante picado e parecia desdenhar das esperanças que tinhamos.

D'ali a poucas horas seria novamente noite. Era aquillo apenas um compasso de espera, durante o qual perguntavamos uns aos outros:

— Que mais succederá?

Fugiamos de falar com as mulheres, com receio que nos interrogassem sobre o estado dos acontecimentos.

Os piratas fóram trepando e arrastando-se sobre as plantas marinhas, que cresciam na rocha e ali caiu sobre elles o dedo de Deus.

Tão espantosa foi a scena, que espero não tornarei a vêr, e a penna recusa-se a descre-

vel a ainda hoje, apezar de ter já passado bastante tempo. Conforme escrevi, parece-me vêr levantar-se uma figura humana, que me diz:

— Não penses mais! E' o passado e deves esquecer-o.

E certamente que, se eu conhecesse outra maneira de explicar como os homens de Czerny se viram obrigados a afastarem-se para sempre da porta da casa submarina, aproveitá-la-hia de boa vontade, só para não descrever aqui tão horrivel scena como a que presenciiei.

(Continu.)

RICARDO DE SOUZA.

PELOS TEATROS

Nacional

A peça de Armstrong, *Vinte mil dollars*, que tão grande successo obteve e que ha já tanto tempo se conserva no cartaz d'este teatro demonstra bem claramente a preferéncia que o nosso público dá aos espectáculos que pela sua fórma simples são apenas uma descrição circunstanciada de scenas vulgares de maneira a despertar interesse e a não fatigar o espirito.

Contudo, apezar da sua simplicidade esta peça vale muito pela fórma correcta por que está delineada e pela moralidade que dela se conclue, o que o seu autor obteve sem ter para isso de recorrer á descrições demasiado vivas da qualidade oposta á virtude.

A gravura que vem neste numero representa uma scena do ultimo acto, de todas a mais impressionante e em que Palmira Torres e Carlos Santos têm o seu melhor trabalho.

Ginásio

Na festa artistica do actor Telmo Larcher subiu á scena um original de Leandro Navarro intitulado *A recêita do Mourisca*.

E' uma comédia burlesca do género das que costumamos vêr no palco d'este teatro mas que infelizmente não conseguiu alcançar o successo obtido por algumas cujos nomes ainda se recordam com saudade.

E este ano os originaes portuguezes não conseguem fazer carreira o que é devéras para lastimar.

Nesta peça encontra-se uma falta de naturalidade e uma graça muito forçada, sendo o seu conjuncto pouco de molde a satisfazer por completo o espectador.

No desempenho que foi muito correcto salientaram-se bastante Telmo e Maria Augusta; Albuquerque que se apresenta bem caracterizado Machado e Albertina d'Oliveira no seu papel de lépida creadinha representado com muita propriedade.

República

O *Sr. Freitas* é uma comédia burlesca, original dos srs. Alvaro Lima e Chagas Roquette.

Se a quizermos analisar bem pouco encontraremos mais do que um grande trabalho improficuo.

Apresenta-nos um personagem muito conhecido que serve de pretexto para se dizerem disparates dos quaes alguns têm graça, mas que pecam por serem já conhecidos.

Neste género de comédia é necessaria uma grande subtilidade para que se possam exprimir certas escabrosidades de fórma a poderem ser encaradas de duas maneiras mas tão opostas que quem o fizer de uma não possa admitir a outra.

E' justamente o que falta no *Sr. Freitas*, em que se nota uma linguagem demasiado expressiva, pouco ambigua e muitas vezes grosseira.

Os personagens giram em volta do *Sr. Freitas* num entrecho vulgar e sem graça.

O público riu, aplaudiu e creio mesmo que gostou como gosta sempre de tudo o que o faz rir embora a essência seja nula.

Prefere mesmo isso aos belos productos da intelligéncia que o obriguem a desenvolver tambem a sua.

Uma pequena peça de um acto, *A Sonata*, adaptada de um conto francês por Chagas Roquette, é muito interessante e ouve-se com agrado pelo imprevisito das suas situações que num pequeno espaço de tempo tomam tres feições: dramatica, trágica e cómica.

A. N.

NECROLOGIA

General Adolfo Ferreira Loureiro

Com 75 annos de idade, faleceu em Lisboa, no dia 22 de novembro findo, o ilustre general Adolfo Ferreira Loureiro, tão ilustre por seu saber como pelos naturaes dotes de caracter, que por tudo se fez apreciar, deixando memoria honrada de sua vida, por inteiro consagrada ao estudo e ao amor da patria.

Assim, tanto se distinguiu na ciencia que professou, como nos estudos e investigações da historia e arqueologia por que tinha quasi fanatismo.

Como engenheiro, ligou seu nome a trabalhos importantes, dirigindo os estudos para a ponte de Macau, os projectos de canalisação e installação de serviços das aguas, em Coimbra, alargamento do caes da mesma cidade e, ainda nesta, o projecto da Penitenciaria e do bairro de Santa Cruz, bem como de varias obras no Mondego. Director da 1.ª circumscrição idraulica do país, vogal da comissão central permanente de piscicultura. Presidente do conselho superior de obras publicas e minas.

Foi vice-presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, sendo tambem presidente da secção de Geodesia. Era presidente da Sociedade Literaria Almeida Garrett. Socio da Academia de Ciencias de Portugal, publicou no ultimo volume de *Trabalhos*, uma interessante memoria intitulada — *O rio Tejo e a sua navegação*.

Literato e poeta, deixa um livro de poesias *Es-pinhos e Amores*, publicado em Coimbra, em 1889. Para o centenario da India contribuiu, na Sociedade de Geografia, com dois volumes, *No Oriente e de Napoles á China*.

Investigador do passado, foi eleito presidente da Associação dos Arquitectos e Arqueologos Portuguezes, a que prestou importantes serviços.

Era um bibliófilo colecionador de obras importantes, quer scientificas, quer historicas.

Disto deu prova cabal, nas preciosas colleções que expoz no Museu de Artilharia, por ocasião do centenario da guerra peninsular. Nada de melhor e mais completo ali appareceu, incançavel e pacientemente procurado e acumulado durante muitos annos da sua vida e até seu final, pois já bem doente, elle não deixava de colecionar obras que o interessassem para enriquecer sua bibliotéca, das mais completas deste genero no país.

E' vasta e riquissima a sua levraria de obras scientificas de engenharia e militares, algumas rarissimas, como as não tem a Escola do Exercito.

Deixa um grande espolio de livros raros, que muito bom seria não se malbaratasse, e que o governo, pelas estações competentes, poderia mandar informar, afim de adquirir para a Escola do Exercito e para o Museu de Artilharia aquellas colleções, caso seus heredeiros dellas se queiram desfazer.

Ao que foi seu colecionador é que ellas já não aproveitam, e comtudo bastantes fadigas e até sacrificios faria para as alcançar.

O general Adolfo Ferreira Loureiro nasceu em Coimbra por 1836 e sentou praça em 12 de abril de 1854 na arma de engenharia. Seguindo postos; em 1889 era general de brigada, reformando-se em 1902 no posto de general de divisão.

Era official e comendador das ordens de S. Bento de Aviz e de S. Tiago. Tinha a medalha de comportamento exemplar e a de Socorros a Naufragos. Cavaleiro das ordens da Corôa de Italia e do Sião Neerlandês.

Emilio Lami

Acerca deste distinctissimo musico, que faleceu, em Lisboa, no dia 17 de novembro, proximo passado, lê-se, na bella revista *A Arte Musical* um sussinto artigo de justa apreciação, de que pedimos venia para transcrever os seguintes periodos:

«Mais um dos artistas, e dos otimos artistas, da *velha guarda*, que nos deixa para sempre: Emilio Lami.



EMILIO LAMI

Consciencioso professor de piano, concertista em moda durante mais de vinte annos, compositor infatigavel, acompanhador e leitor como certamente não tivemos outro, critico musical de pulso, e, por cima de tudo isto, espirituoso cavaqueador cheio de verve e ironia — eis o que era ou tinha sido esse velho de quasi 80 annos, que por ali via-mos ás vezes, a luctar ainda e a trabalhar sempre, alquebrado pela idade e quasi cego.

Nasceu Emilio Lami em 1834, começando, muito creança, o estudo do piano sob a direcção de seu pae. Aos 14 annos já leccionava, dizem os seus biographos. De 1860 a 1880, quasi se pôde dizer que não havia um grande concerto em Lisboa, para que Emilio Lami não fosse convidado ou que não fosse por elle proprio organizado. Apresentava-se muitas vezes como solista, tocando as suas fantasias de concerto, a *Marta*, a *Traviata*, o *Rigoletto*, o *Guilherme Tell*, peças á *variations*, ao gosto da época, que tinham sempre um exito retribante. Nos seus concertos, que tinham logar ora nas salas do *Casino Lisbonense* ou da *Associação Recreativa*, ora nos salões de S. Carlos, de D. Maria ou da Trindade, produziram-se tambem muitas vezes as suas peças concertantes, o trio da *Marta* para piano, harpa e harmonium, o de *Ernani* para piano, violoncelo e harmonium, o dueto do *Rigoletto* para saxophone e piano, e muitas outras obras do mesmo genero, que o publico se não cançava de aplaudir.

Em 1863 foi chamado para S. Carlos, como *maestro concertatore*. Ausentando-se porém Guilherme Consoul nessa occasião, teve Lami que empunhar a batuta em substituição daquelle ottimo artista, e tão dignamente se desempenhou do encargo que esteve durante mais de quatro annos no mesmo teatro, na qualidade de 2.º director e ensaiador.

Foi tambem professor da Casa Pia e do Conservatorio. Tanto ahi, como no magisterio particular, creou uma legião de discipulos de piano, de órgão, de canto, e entre elles alguns que depois se notabilisaram.

Na enorme lista de produções que deixou Emilio Lami contam-se obras de orquestra, banda, musica de camara, solos para canto e para quasi todos os instrumentos. A relação minuciosa de todas estas produções figura no n.º 10 do *Contemporaneo* (1884).»



GENERAL ADOLFO FERREIRA LOUKEIRO



A morte de Candido dos Reis, pelo dr. Victor Mendes — (*Estudo de Medicina-Legal*) These inaugural, aprovada com a classificação de quinze valores (*Distinção*) pela Faculdade de Medicina de Lisboa — 1911, Cernadas & C.ª, Livraria Editora, Lisboa, etc.

N'esta these, que honra sobremaneira o seu autor, prova, o sr. dr. Victor Mendes, que o infeliz almirante não foi assassinado mas que se suicidou.

O livro é acompanhado de figuras demonstrativas, representando o craneo do morto e por onde a bala nelle penetrou.

E' um trabalho completo.

Sonetos de Thomaz de Eça Leal. — Tem este titulo uma preciosa colleção de sonetos que pela sua fórma primorosa grangeiam para o seu autor fóros de um poeta distinto.

Usando de uma linguagem elegante mostra ao mesmo tempo o seu fino espirito nessas pequenas resenhas escritas em frases buriladas pelo mais absoluto rigor métrico, assemelhando-se a pequenas flôres delicadas recendendo um perfume forte.

Transcreveremos alguns sonetos para melhor se poder avaliar a graça esquisita e o sentimento subtil que Eça Leal lhe soube imprimir.

Veja-se este:

Coquette

Não queiras vêr, mulher, no meu rubor
A ingénua timidez de um donzel;
Amo-te até bastante, oh! infiel...
Tomára eu encontrar-te o mesmo ardor.

Mas se te não declaro o meu amôr,
Se te não cedo o nupcial anel,
E' porque reconheço que és um fel
No fundo de uma taça de licor.

Sem duvida que és linda e seductora!
Mas, quando á prosa vil surgisse a hora,
Da nossa lua o mel chegasse ao fim,

Havias de querer voltar á antiga...
Rir, namorar, flirtar (o vicio instiga)
E eu busco uma mulher só para mim.

E assim analisando ligeiramente vários caractéres critica os e julga-os de uma maneira suave, que não fere.

Este outro cuja fórma é impecavel é talvez um dos melhores dos *Sonetos*.

Confissão cruel

Ao cabo de dez annos de casada
Tu, a esposa honestissima e exemplar,
Vens declarar-me, trémula e a chorar,
Que estás por outro louca, apaixonada.

Não temas a vingança imaginada...
Mas se é certo que deixo de te amar,
Ainda mais te fico a venerar
Depois dessa verdade confessada.

Ao menos não me enganas, és sincera;
D'este modo na vida que me espéra,
Só o amargor de um lucto vou sentir...

E' como se morresses para mim!
Mas antes vêr-te ao lado d'outro, emfim,
Que ter-te nos meus braços a mentir.

Com grande prazêr registamos este livro que nos proporcionou um quarto de hora de agradável leitura.

Vierling & C.ª

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios. Papéis de Credito. Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone. 2873

Endereço. Fundos.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças e sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percallna com letras a ouro,
encadernação de luxo

Na capas para todos os annos,
eguaes na cor para colleções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200

Almanaque Illustrado do «Occidente» A sahir a publico